

**Resenha - *O fracasso escolar e a reclusão dos excluídos* de
Norinês Panicacci Bahia**

Elane Silva Campos¹



BAHIA, Norinês Panicacci. *O fracasso escolar e a reclusão dos excluídos*. São Paulo: Alexa Cultural, 2012, 80 p. A autora é Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O livro é proveniente de sua tese de doutorado: *Enfrentando o fracasso escolar: inclusão ou reclusão dos excluídos?* no Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo), PUC-São Paulo, 2002. Atualmente é Docente Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, na Linha de Pesquisa: Formação de Educadores.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Unipalmarens de São Paulo e Coordenadora do Curso de Gestão de RH da Faculdade de Tecnologia Fundetec de São Paulo.

Na obra, a autora apresenta uma discussão sobre o fracasso escolar, e aponta algumas questões que surgem como consequência desse fenômeno e que afeta, sobretudo, o ensino público. O livro está dividido em três capítulos: *Fracasso Escolar: A Grande Colheita; Políticas de Enfrentamento do Fracasso Escolar: o Ciclo Básico e as Classes de Aceleração no contexto da Progressão Continuada e Um 'caso' para um estudo de caso.*

Os aspectos que envolvem o fracasso escolar têm sido elementos de muitas análises, pesquisas e proposições nos sistemas de ensino brasileiro. Trata-se de um tema complexo que não se restringe a uma única dimensão e não possui um único fator. Nessa perspectiva, buscar caminhos para superar o fracasso escolar implica em compreender tal processo em seus múltiplos fatores abarcando, deste modo, as dimensões histórica, cognitiva, social, afetiva e cultural. Ao discutir essas questões, a autora busca nos situar sobre alguns programas e estratégias, estabelecidos pelas políticas públicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para enfrentar a problemática do fracasso escolar. E, fundamentada em um estudo de caso, realizado em uma escola no município de Diadema/São Paulo, a autora apresenta com muita pertinência, uma profunda análise dos resultados obtidos.

No primeiro capítulo, Bahia afirma que há uma linha muito tênue entre o fracasso escolar, a exclusão escolar e a exclusão social. Essa estreita relação permite importantes reflexões, na busca de possíveis soluções contra a exclusão de muitas crianças e jovens do processo de ensino aprendizagem, assim como da integração desses no desenvolvimento social.

Para compreender essas questões a autora apresenta um breve perfil histórico do fracasso escolar, e uma análise muito relevante das diferentes proposições estabelecidas no ensino público brasileiro. Ao longo de décadas a educação brasileira passou por diferentes programas de ensino, que perpetuaram uma discrepante realidade de evasão e exclusão. Por um lado, a evasão dos alunos, provocada por uma constância de repetência, e por outro, a exclusão, dada pela falta de acesso aos saberes. Bahia relata que a relação do fracasso escolar, com a exclusão escolar e a exclusão social, provém de um longo processo histórico, marcado pela desigualdade econômica e social, e agravada por uma política neoliberal excludente, defendida pelo Estado, como uma política renovadora e necessária, para o desenvolvimento e modernização do país diante da era da globalização. Todo esse processo histórico influenciou o sistema escolar, que atualmente apresenta suas debilidades, como consequência de uma política social desigual.

A autora utiliza como termo dessa discussão *a reclusão dos excluídos*, por entender que a educação só se legitima quando se permite ao indivíduo o conhecimento consciente desse, enquanto futuro cidadão e agente transformador da sociedade.

Para afirmar sua ideia, enfatiza que apenas o acesso ao conhecimento, não garante a permanência do aluno na escola, ele precisa estar na escola e pertencer a ela. Para tanto, se faz necessário uma educação de qualidade inclusiva. A ideia apresentada aqui, nos leva a refletir intensamente sobre o fracasso escolar, também como um fracasso social, pois estar na escola e não pertencer a ela, como diz a autora, é uma perversidade.

Bahia nos alerta ainda, que por trás de um discurso que prega a democratização do ensino, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, existe também um discurso que responsabiliza a escola e o professor pelo sucesso do aluno, mas em outra via, o culpa pelo seu fracasso.

Essa mesma política democrática também idealiza os professores como cidadãos plenos de direitos e deveres, mas não lhes dá condições dignas de trabalho e formação, nem tão pouco melhores salários. Com isso, fica claro que há uma distância muito grande entre o discurso e a realidade.

No segundo capítulo a autora trata de algumas estratégias, implantadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para o enfrentamento do fracasso escolar: o Ciclo Básico e as Classes de Aceleração no contexto da Progressão continuada. O Ciclo Básico foi estabelecido em 1983, com o objetivo de diminuir os índices de retenção e evasão escolar, que na época giravam em torno de 40%. Essa proposta mudou o sistema de seriação – as duas séries iniciais, do antigo primeiro grau, se transformam em um ciclo de dois anos, em que o aluno só poderia ser retido no final do segundo ano. Os professores alfabetizadores eram orientados por profissionais técnicos da Secretaria da Educação, e passavam por um processo de capacitação e atualização para lidarem com uma educação que visava a construção do conhecimento, não mais estabelecido pela cartilha.

Depois do projeto o Ciclo Básico, a Secretaria da Educação, instituiu um novo projeto: *As Classes de Aceleração*, que tinha como objetivo recuperar o percurso escolar de alunos em situação de defasagem em relação à idade e série, especialmente os multirrepetentes do ciclo básico à 4ª série, do ensino fundamental. A autora relata o desenvolvimento do projeto e afirma que essa estratégia não solucionou o problema do fracasso escolar, pois não garantiu a qualidade do ensino, nem a aprendizagem dos alunos, mantendo-se assim, o que ela chama de *reclusão dos excluídos*.

A outra proposta, instituída em 1997 para o enfrentamento do fracasso escolar, foi a Progressão Continuada, com a finalidade de substituir a organização escolar seriada, por um ou mais ciclos de estudos, na tentativa de superar a fragmentação do currículo que favorecia os índices de repetência e evasão. Desse modo, a Secretaria da Educação organizou o ensino fundamental em dois ciclos: Ciclo I – da 1ª a 4ª séries e Ciclo II – da 5ª a 8ª séries. A partir dessa estratégia a forma de avaliar os alunos foi alterada radicalmente e esses, ao final do ano letivo, eram aprovados ou não para as séries subsequentes. O aluno só poderia ser retido ao final de cada ciclo. Essa estratégia estabelecia uma avaliação constante do processo de aprendizagem dos alunos, durante as séries cursadas, garantindo-se medidas para reparar possíveis defasagens.

No terceiro e último capítulo, Bahia apresenta uma análise dessas políticas públicas, por meio de um estudo de caso, que se deu em uma escola pública no município de Diadema/SP. A autora investigou e acompanhou durante três anos, o percurso de 52 alunos que participaram do Projeto *Classes de Aceleração* (1999 a 2001). Ela delinea reflexões muito significativas e profundas sobre a trajetória desses alunos e conclui que a tentativa de combater a defasagem não aconteceu, pois de todos os alunos envolvidos no estudo, apenas um conseguiu avançar nesse processo. Isso enfatiza e reafirma as discussões da autora sobre a reclusão dos excluídos, marcada pela constância do fracasso escolar que exclui na escola e socialmente.

Como conclusão a autora defende que precisamos compreender cada vez mais a realidade da nossa escola pública, inserida num contexto social mais amplo, de maneira que prestemos mais atenção às políticas educacionais que surgem, que nem sempre consideram a história e a memória de nossas escolas, e que provocam muitas vezes, uma desarticulação e descontinuidade dos projetos pedagógicos que vinham sendo desenvolvidos pelos professores e, ainda, uma desmobilização do conjunto dos profissionais e da própria organização e estrutura da escola. Bahia acredita que a escola deve ser pensada como espaço de transformação e não de reclusão, para isso se faz necessário valorizar todos aqueles que a constituem.

Norinês Panicacci Bahia é uma autora de muita sensibilidade, pois nos permite compreender a gravidade do fracasso escolar para o processo social. Suas colocações nos mostram a profundidade das discussões aqui propostas e nos leva a refletir sobre a educação brasileira, movidos pela esperança, de que sempre é possível buscar novos caminhos, para enfrentar os desafios que se interpõem ao longo do percurso.

Recebido para publicação em 12-08-12; aceito em 11-09-12